

Do lembrar e do esquecer a partir de Nietzsche

Marcelo de Mello Rangel*

Resumo: Tematizamos os problemas do esquecimento, da lembrança e do pensamento histórico a partir de Nietzsche. Nosso primeiro objetivo é descrever uma espécie de “esquecimento” que seria “adequado” à vida. Segundo o filósofo alemão, esse esquecimento se daria a partir de uma atividade cuidadosa em relação ao que desponta no interior de determinada relação (do presente, *Gegenwart*). De modo que o homem se encontraria ocupado com os desafios e possibilidades próprios ao contexto no qual se mobilizaria, tornando-se, assim, capaz de (re)construir orientações adequadas (*Gegenständlichkeit*) à sua realidade (*Wirklichkeit*). Nosso objetivo, então, é o de tematizar o pensamento histórico como sendo um questionamento que surge a partir da necessidade de recondução de sentidos e significados próprios a situações mais específicas (singulares) que também constituem o que podemos chamar, de alguma forma, de presente.

Palavras-chave: Nietzsche. Pensamento histórico. Esquecimento.

Segundo Nietzsche, há um princípio de determinação que marca o homem, a lembrança, de modo que ele é um ente que lembra. Em tudo o que realiza ele é orientado por aquilo mesmo no qual está empenhado, mas também por outro horizonte, a saber, o passado. Dizendo ainda de outra maneira, é próprio ao homem viver numa espécie de entre-lugar, mais especificamente entre o presente e o passado a partir disso que é a lembrança, pois “o homem contrapõe-se ao grande e cada vez maior peso do que passou”. (Nietzsche, 2003, p. 8)

O homem encontra-se, recorrentemente, frente a frente a um duplo desafio, por um lado o de postar-se atento em relação ao que acontece à sua volta, e, por outro, tudo o que “foi” insiste em voltar cobrando atenção e cuidado: ele “(...) se admira de si mesmo por não poder aprender a esquecer e por sempre se ver novamente preso ao que passou: por mais longe e rápido que ele corra, a corrente corre junto” (Nietzsche, 2003, p. 8). O que está em questão aqui é que os homens em geral tematizam os desafios e possibilidades mais específicas que a mobilidade da vida vai tornando possível, e, a um

* Esse texto foi escrito a partir de uma conferência que realizei no ano de 2010, no “Simpósio de Humanidades – Ciência, Política e Poder: Implicações para a Educação”, na Faculdade Estadual de Educação, Ciências e Letras de Paranaíba (FAFIPA), e publicado, em seguida, na Revista Pontes (Maio-Junho, 2010, n° 11). Agradeço ao Felipe Figueira pelo convite para a conferência e, também, pela recuperação do texto e sugestão para republicá-lo, tendo em vista que não se encontra mais disponível ao público em geral.

só tempo, se veem seduzidos pelo passado, sendo forçados a repensar também o que já “foi”.

O passado aparece ao homem, ao menos frequentemente, como incompleto e/ou como algo negativo, reivindicando atenção e cuidado, trazendo à tona objetivos e desejos que teriam sido apenas parcialmente realizados, e decisões que pareceriam, ao menos até certo ponto, equivocadas. O que está em questão aqui é que na medida em que o homem é seduzido por tais impressões ele vai “adoecendo”, e isto porque se coloca a tarefa de reconstruir (refazer) algo que não pode mais ser alterado – aquilo que já passou e que insiste em perturbá-lo na medida mesmo em que vai conquistando espaço em sua vida. Nesse caso, ele soterra o presente com passados, se torna o que Nietzsche chama de “coveiro do presente” e acaba se fragilizando. Melhor dizendo, virando as costas para o presente e para seus rearranjos, desafios e possibilidades mais específicos, esse “tipo de vida” não pode mais se complexificar, ou seja, não é mais capaz de ir se reconstituindo (se diferenciando) junto a outras forças que também se mobilizam e se tornam decisivas à reorganização de determinada relação (ou contexto).

Como já vimos, é próprio aos homens em geral lembrar, entretanto, essa é uma atividade (ou tarefa) que deve ser constantemente (re)conquistada, pois é na medida em que *sabe* lembrar que se torna propriamente homem, o que significa dizer que se complexifica, se realiza, experimentando, mesmo que provisoriamente, o que podemos chamar de certa “alegria”. Mas do que se trata esse conquistar o lembrar, esse saber lembrar? Conquistar o lembrar se torna possível a partir do reconhecimento da força própria aos “terríveis e horripilantes acontecimentos da vida” (Nietzsche, 2003, p. 10) - do poder imobilizador da massa de acontecimentos passados que reivindicam atenção *contra* o presente -, e, então, da constituição de uma relação cuidadosa com passados. Melhor dizendo, é preciso esquecer – ao menos momentaneamente - boa parte do que de alguma forma passou, bem como lembrar, (re)conformando, dando novos sentidos, reconfigurando o que passou a partir do presente, caso contrário se é subjugado pelo que “foi”.

Sobre o esquecimento como origem de uma vida saudável, podemos ler:

Este é o estado mais injusto do mundo, estreito, ingrato frente ao que passou, cego para os perigos, surdo em relação às advertências, um pequeno e vivo redemoinho em um mar morto de noite e esquecimento: e, contudo, este estado – a-histórico, contra-histórico de ponta a ponta – é o ventre não apenas de um feito injusto, mas muito mais

de todo e qualquer feito reto; e nenhum artista alcançara a sua pintura, nenhum general a sua vitória, nenhum povo a sua liberdade, sem ter antes desejado e almejado vivenciar cada uma delas em meio a um tal estado. (Nietzsche, 2003, p. 13)

E sobre a necessidade de se lembrar no tempo oportuno (*kairós*), ou ainda de se saber lembrar:

(...) que se saiba mesmo tão bem esquecer no tempo certo quanto lembrar no tempo certo; que se pressinta com um poderoso instinto quando é necessário sentir de modo histórico, quando de modo a-histórico. (Nietzsche, 2003, p. 11)

“Cada vivente”, como afirma Nietzsche, só pode se mobilizar e complexificar, ou, se quisermos, tornar-se “saudável, forte e frutífero”, se souber “esquecer” e “lembrar” no “tempo oportuno”. O lembrar deve ser concretizado sempre já a partir de certa atividade que é a do esquecimento, a qual circunscreve o espaço no interior e com base no qual o próprio tempo oportuno se tornaria possível. Ou melhor, ao lidar com as lembranças a partir do esquecimento, o homem “saudável” seria capaz de uma atividade mais modesta (prudencial) em relação a passados, a qual (re)quereria pouco do que “foi”, disto mesmo que vem de longe e insiste em aparecer à sua frente exigindo cuidado (exclusivo). (Re)quereria pouco, pois se mobilizaria adequadamente (*Gegenständlichkeit*) no interior da vida, o que significa dizer, conferiria mais importância e valor ao presente do que ao passado, e lidaria com o passado com base numa espécie de filtro, de imperativo se quisermos, o de que passados interessariam apenas na medida em que favorecessem a complexificação no interior de relações ou conjunturas em movimento.

Todo homem estaria lançado, necessariamente, em meio a uma vida que se transformaria incessantemente, e que, a um só tempo, insistiria em reinstalar tudo o que “foi” no presente, presentificando o passado através das lembranças. Ao homem restaria o desafio de lidar com suas lembranças, e, ao mesmo tempo, responder às exigências mais específicas (contextuais) colocadas pela vida. Se o homem se permite seduzir pelo que passou e pelas reivindicações de atualização recorrentes que vêm do passado, ele se afasta do cuidado necessário no que diz respeito ao movimento de forças que se rearranja ao seu redor, o que faz com que se torne desconhecedor de questões e

possibilidades mais específicas que despontam e que precisam ser respondidas recorrentemente.

O homem precisaria, então, conquistar (mesmo que provisoriamente) a consciência de que é necessário lidar com o passado sem a pretensão desmedida de tudo lembrar, pois, caso contrário, como acabamos de explicitar, é soterrado pelo passado no presente. O homem “saudável” lidaria com os passados a partir dos limites colocados pela atividade que é a do “esquecimento”. Quando ele descerra o passado, já o faz com critérios bem estabelecidos, ou seja, recortando o que não interessa; assim, ele abre o espaço necessário e participa da diferenciação (reconstituição) do hoje – do próprio futuro - em relação ao ontem. Quando o presente se evidencia, cobrando do homem novas respostas a situações específicas, aquele que sabe esquecer (que atualiza essa possibilidade que é a do esquecimento) o passado encontra-se, efetivamente, no presente (determinado e atento a ele), mais preparado para colocar-se à ausculta do que desponta. Aí então, frente a frente ao que, no presente, precisa ser reorganizado, redimensionado, ele reivindica o passado. Lembra, mas isto porque já pôde de alguma forma “esquecer”, e mais, usa o lembrado para responder às solicitações colocadas pelo seu próprio horizonte.

O que está em jogo, nesse caso, é a compreensão de que é preciso esquecer, ao menos inicialmente, passados que insistam em reaparecer autonomamente, sem, ao mesmo tempo, abandonar o que já “foi”, pois passados podem se tornar aliados dos homens em geral em sua tarefa de reconfigurar a vida recorrentemente. É preciso, no entanto, ter “raízes fortes” para lembrar, o que significa que é necessário criar/constituir um espaço de “esquecimento” ao redor de si para poder lembrar na medida própria/adequada à mobilidade da vida, ao presente, e isto para não ser seduzido pelos passados em geral, por suas requisições de cuidado (exclusivo) e suas promessas de prazer e felicidade. É a partir da atividade que é a do “esquecimento” que se pode lembrar adequadamente, no “tempo oportuno” (*kairós*) – a partir do presente. A natureza do movimento que Nietzsche propõe então é: 1- esquecer a multiplicidade de imagens fornecida pela lembrança mais imediata; 2- auscultar e se empenhar no presente, e requisitar o auxílio do passado apenas na medida em que o próprio presente coloca os desafios e possibilidades que precisam ser respondidos a partir de determinadas lembranças.

No primeiro momento, se traça um “horizonte” (um espaço) no interior do qual é possível se proteger das (muitas) lembranças insistentes que a própria mobilidade da vida traz à tona; no segundo momento, já a partir deste espaço de “esquecimento” (um espaço mais delimitado e que também é marcado por certa cotidianidade), se torna possível compreender o que aparece de mais singular (requisitando cuidado), e, por fim, colocar-se numa relação de diálogo com o passado, tematizando e sintetizando-o a partir de uma postura pragmática, o que significa *a favor* do presente (da realidade – *Wirklichkeit*). Esse é o momento do que Nietzsche chama de abertura necessária a “olhares estranhos”. Esses olhares estranhos também são as vozes do passado que são acolhidas, experimentadas e tematizadas, por sua vez, a partir de um campo existencial mais delimitado (simples) constituído pela atividade do “esquecimento”, bem como apropriadas pelas necessidades colocadas pelo “presente”.

Ainda é preciso, no entanto, explicitar melhor a natureza dessa atividade que é a do “esquecimento”, ou seja: 1- Como se compreende que é hora de esquecer? 2- A partir de que medida se deve orientar o esquecimento? 3- O que se faz, exatamente, ao esquecer, ou melhor, do que se trata o esquecer ao qual Nietzsche se refere?

É através da “intuição”, do que Nietzsche chama de um “poderoso instinto”, que se compreende o tempo oportuno de esquecer, o que significa dizer que não se trata de um momento mais propriamente reflexivo... “que se saiba mesmo tão bem esquecer no tempo certo quanto lembrar no tempo certo; que se pressinta com um poderoso instinto quando é necessário sentir de modo histórico, quando de modo a-histórico” (Nietzsche, 2003, p. 11). O tempo oportuno para esquecer não possui uma determinação precisa e, portanto, mais geral e exatamente comunicável. A medida para o esquecimento (re)aparece (se reconstitui) a partir de conjunturas singulares, da relação entre cada um e determinado acontecimento (mobilização da vida). Uns são mais fortes (ou criativos, capazes de se reorganizar) outros menos, podendo se comportar mais ou menos “adequadamente” (*Gegenständlichkeit*) dependendo do fenômeno em relação ao qual são expostos, alguns mais “terríveis” que outros, de modo que “há homens nos quais os mais terríveis e horripilantes acontecimentos da vida e mesmo os atos de sua própria maldade afetam tão pouco que os levam em meio deles ou logo em seguida a um suportável bem-estar (...)” (Nietzsche, 2003, p. 10).

Respondendo mais diretamente às duas questões acima, podemos perceber que, segundo Nietzsche, o pensamento é tardio em relação à percepção do tempo oportuno para “esquecer”, e isto porque: 1- são os sentidos, o próprio corpo que sinaliza, que evidencia o excesso de passado e anuncia o tempo oportuno, o que significa dizer que esquecer o passado na hora certa é uma tarefa singular, contextual e sempre mais relacionada ao corpo (à “intuição”) do que exatamente à reflexão. No que diz respeito especificamente à reflexão, ao pensamento, o que está em questão aqui é que ela é uma atividade que constitui esse todo que é o corpo, sendo, portanto, importante, mas ela (a reflexão) precisa estar atenta em relação ao que o próprio corpo e os sentidos comunicam. Se esperarmos aparecer da reflexão - ao menos de certo modo mais geral e Ocidental de se pensar, mais destacado e, portanto, abstrato - um enunciado adequado sobre o tempo oportuno para “esquecer”, perdemos esse tempo. E, 2- também porque sempre se tratará da (re)colocação desse movimento “intuitivo” (corporal-reflexivo) a partir de determinada relação ou contexto específico.

Portanto, não se trata, aqui, de se produzir uma medida universal (e definitiva) para orientar o homem em sua tarefa de esquecer, pois se trata de uma atividade singular e circunstancial (relacional). O que é o mesmo que sublinhar que ninguém pode indicar como deve/deveria ser ou mesmo questionar a relação de determinado indivíduo ou grupo com passados.

E sobre o que se faz exatamente ao esquecer, ou se quisermos, do que se trata esquecer? Esquecer significa, num primeiro momento, afastar-se, o quanto possível, dos passados que vêm autonomamente em nossa direção. Encontramo-nos naquilo que chamamos acima de entre-lugar, entre o presente e o passado, ou como o próprio filósofo de alguma forma explícita: à frente não temos nada, o agora ainda é possibilidade, e no já “foi” encontramos coordenadas próprias ao enfrentamento dos desafios e possibilidades que estão despontando no presente. Mas do que se trata precisamente isto que Nietzsche chama de “esquecimento”?

Trata-se de uma estratégia capaz de proteger o homem dessas lembranças sedutoras que constituem a mobilidade mais originária disto que estamos chamando de passado, permitindo ao homem experimentar, intensamente, o presente e suas situações mais específicas. Melhor dizendo, esquecer significa *lançar-se ao desconhecido*, a isto

que está se (re)articulando no presente, para que se possa, então, em meio à experimentação de determinada situação mais inédita, ouvir o que pode ser efetivamente realizado no aqui e agora, aquilo que é necessário à manutenção do que Nietzsche chama de “saúde”, da própria complexificação (ou mobilização) da vida. Esquecer também aponta para uma dupla supressão: 1- a supressão de uma relação mais nostálgica junto a passados, a qual seria marcada por certo saudosismo, e isto a partir da frustração e do arrependimento, e 2- também seria necessária uma espécie de encurtamento de determinado “espaço de experiência”, ou ainda, do poder de determinação de certas tradições mais sedimentadas e generalizadas, e isto em nome da manutenção de uma vida “saudável”, a qual precisaria, para se (re)configurar, de uma atividade ousada (de certo risco). Apenas a partir do que já se sabe, ou melhor, do que já se experimentou, uma existência não poderia manter-se “saudável”, e isto porque outras relações se constituem ao seu redor, provocando a diferenciação de determinada realidade, tornando inadequados, assim, boa parte dos seus comportamentos teóricos, sentimentais e práticos; seria necessário aventurar-se no presente a partir de relações mais intensas com outros tipos de vida (diferença), e isto para que se possa reunir experiências no sentido de construir um repertório cada vez mais rico para se responder às necessidades mais inéditas que aparecem com certa frequência. Mas essa aventura no presente, essa relação com outras perspectivas, não é nada cômoda, ela implica movimento, transformações, improviso, o que significa esforço (junto a certa modéstia e paciência).

Da prostração

Entretanto, ainda precisamos caracterizar melhor a natureza deste “esquecimento”, e isto para que possamos avançar um pouco e tematizar a “boa lembrança” e, com ela, o que seria a “vantagem da ciência histórica para a vida”.

Ao falarmos, ao longo do texto, sobre esquecimento, tematizamos um de seus aspectos, a saber, o esquecimento das lembranças em sua dinâmica mais imediata, dizendo ainda de outra maneira, tratamos do esquecimento destas ou daquelas lembranças, por vezes “terríveis e horripilantes”, em relação às quais os homens em

geral se mantêm presos, na busca de corrigir roteiros e inventar finais felizes. O caminho que percorremos até aqui pode ser assim resumido: 1. O homem encontra-se, original e recorrentemente, exposto a incontáveis lembranças; 2. Tais lembranças tendem a seduzi-lo, forçando-o a revivê-las exclusivamente; 3. Ao reviver essas lembranças muitas vezes “terríveis” (que se mobilizam autonomamente), os homens tendem à insatisfação, se arrependem do que fizeram ou mesmo em relação ao que entendem que poderiam ter feito e, assim, ou bem se prostram ou bem se dedicam à correção do que “foi” (como se isso fosse exatamente possível), buscando refazer caminhos e decisões; 4. Ao tentar reconstruir – acertada e perfeitamente – determinados passados, acaba-se capturado pela impossibilidade própria a essa atividade. Ou melhor, tendo em vista que o passado não pode ser efetivamente corrigido, pois não se encontra mais disponível em sua totalidade conformativa, em toda a sua cadeia de relações, toda a tentativa de reorganizá-lo não passa de uma ilusão, e o horizonte pretendido vai se distanciando. O objetivo que é o de buscar corrigir o passado vai se distanciando, entretanto, mantém-se como horizonte reenviando o homem à tentativa inicial que é a de reconstruir, corretamente, o que “foi”; 5- O homem acaba enredado em suas lembranças e distante do presente, o que significa dizer, da possibilidade de experimentar e reconhecer os desafios mais específicos que a vida oferece sob a forma de presente; 6- No passado, longe do presente, o homem acaba desconhecendo os desafios mais “objetivos” (*Gegenständlichkeit*) que têm de enfrentar, compondo, no máximo, estratégias inadequadas, o que permite que outros “tipos de vida”, mais atentos e ousados, se complexifiquem.

Pois bem, trata-se de se lançar à experimentação do presente (*Gegenwart*), tornando possível isto que seria o esquecimento de passados, buscando reconhecer os desafios mais objetivos, e, conseqüentemente, (re)criar outras possibilidades de configuração para determinada relação (ou contexto). Nesse momento, se torna importante voltar-se em direção ao passado, inquirindo-o (apenas) na medida em que ele for capaz de auxiliá-lo na tarefa de lidar, da melhor forma possível, com o presente (com o que desponta).

Este foi o nosso percurso até aqui, todavia ainda é necessário perguntar por uma espécie de impressão radical que se torna possível a partir de uma relação menos cuidadosa (“inadequada”) com passados em geral e, com freqüência, “terríveis”.

Estamos expostos, em origem (como indivíduos e como povos), a um conjunto gigantesco de lembranças, e nos relacionamos com elas, na maioria das vezes, a partir do imperativo de ter de esquecê-las a todo custo, ou, especialmente, de corrigi-las. Como vimos antes, procuramos corrigir o que passou e acabamos nos distanciando do fim pretendido, de modo que somos incitados a recomeçar essa atividade que Nietzsche também chamou de “ressentida”. Pois bem, no interior dessa dinâmica o que acaba aparecendo é a impressão (e subsequente compreensão – e aqui temos parte importante, por exemplo, da sua crítica a Sócrates) de que a vida seria terrível, a qual se comportaria a partir da “autocontradição”, ou ainda, se diferenciaria recorrentemente, necessitando do homem um esforço gigantesco que seria, ao fim e ao cabo, além de incessante e exaustivo, inócuo.

Com base nessa mobilidade – a da correção -, o homem acabaria intuindo, ao menos na maior parte das vezes, que tudo que ele constrói estaria fadado ao fracasso, e isto justo porque tudo o que realizaria no sentido de reparar o passado não alcançaria o objetivo pretendido. Nesse âmbito, a vida apareceria como um fardo, como “sofrimento”, como algo “enfadonho”. O homem se abateria e tornaria possível certa apatia ou comportamentos pessimistas em geral.

O homem teria, assim, a impressão de que a vida seria “enfadonha” e “exaustiva”, e de que, exatamente por isso, não valeria à pena (certo niilismo). Não valeria à pena essa mobilidade própria à existência que é a de ter de (re)constituir ou (re)criar recorrentemente. Essa é a lembrança radical que aparece a partir da postura corretiva no que diz respeito ao que “foi”. O homem “desespera e cai de joelhos”:

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma seqüência e ordem – e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!”. (Nietzsche, 2001, p. 230)

Enfim, o homem é incessantemente seduzido pelo passado e o seu comportamento mais geral tende a ser justamente o de uma atenção e dedicação hipertrofiada (exclusiva) em relação a ele, e isto a partir do objetivo que é o da correção, e, assim,

perde-se do presente, tornando-se despreparado – e mesmo sem instrumentos adequados (*Gegenständlichkeit*) - para lidar com as transformações incessantes provocadas pela vida em sua dinâmica transformadora. O que Nietzsche propõe é uma espécie de relação com o passado orientada pelos problemas e possibilidades apresentados no presente (a partir da mobilidade própria à vida), o que faz com que o passado perca sua autonomia, e, conseqüentemente, seu poder de sedução. Lidando com o passado a partir do presente o homem conquistaria a atenção necessária à relação de forças no interior da qual se encontra, se complexificando e tornando-se mais “preparado” para (re)constituir outras realidades possíveis. Ao se aventurar em meio ao presente e (re)criar sentidos e significados mais adequados à relação no interior da qual se mobiliza, o homem, de alguma forma, se realizaria e tornaria possível a experimentação disso que podemos chamar de “alegria” no sentido nietzschiano.

Antes de terminar, gostaria de ler um trecho do conto *Funes, o Memorioso*, de Borges. Nele, o escritor argentino também cita, em determinado momento, o Zaratustra de Nietzsche, o que torna possível tematizá-lo a partir de uma preocupação semelhante à do filósofo alemão, a da denúncia acerca da inviabilidade de se constituir uma vida “saudável” com base na pretensão de tudo lembrar e saber...

Era-lhe muito difícil dormir. Dormir é distrair-se do mundo; Funes, de costas no catre, na sombra, configurava cada fenda e cada moldura das casas certas que o rodeavam. (Repito que a menos importante de suas lembranças era mais minuciosa e mais viva que nossa percepção de gozo físico ou de um tormento físico) (...)
Tinha aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, entretanto, que não era capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar. No abarrotado mundo de Funes não havia senão pormenores, quase imediatos.
A esquiva claridade da madrugada entrou pelo pátio de terra.
Então vi o rosto da voz que toda a noite falara. Irineu tinha dezenove anos; nascera em 1968; pareceu-me monumental como o bronze, mais antigo que o Egito, anterior às profecias e às pirâmides. Pensei que cada uma de minhas palavras (que cada um de meus gestos) perduraria em sua implacável memória; paralisou-me o temor (...)
Irineu Funes morreu em 1989, de uma congestão pulmonar.

Bibliografia

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Trad. de Carlos Nejar. São Paulo: Editora Globo, 1995.
NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Um livro para todos e para ninguém. Trad. de Mário da Silva. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988.

_____. **A Gaia Ciência.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **Segunda Consideração Intempestiva.** Da Utilidade e desvantagem da história para a vida. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

_____. **Unzeitgemässe Betrachtungen** - Zweites Stück: Vom Nutzen und Nachtheil der Historie für das Leben DTV/De Gruyter (Die Geburt der Tragödie – Kritische Studienausgabe Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari) - KSA Volume 4.